

# Jesus é o Espírito de Verdade

Embora esse não seja o pensamento de muitos confrades espíritas, comungam com eles muitos de nossos detratores, conforme percebemos em fóruns na Internet, ousamos dizer que sim, que o Espírito de Verdade é, de fato, Jesus.

Nossa base principal está no texto “Espírito de Verdade, quem seria ele?” ([www.paulosnetos.net](http://www.paulosnetos.net)), onde nossa pesquisa apontou para isso que estamos afirmando.

Nesse texto mencionado é que elencamos todos os elementos para sustentar nossa opinião e é quase que totalmente baseada nas obras da Codificação; fora delas só trazemos a opinião de três estudiosos espíritas – Hermínio C. Miranda (1920-2013), Sérgio Fernandes Aleixo (1970- ) e Lamartine Palhano Jr. (1946-2000)– e a fala de Alexandre (espírito) a André Luiz, na obra *Missionários da Luz*, pela psicografia de Francisco Cândido Xavier (1910-2002). Inclusive, recomendamos ao leitor, que, se possível, o leia primeiro, antes de seguir adiante.

Apesar de não termos por objetivo refutar a ninguém, citaremos, apenas para servir de ponto de partida para o presente estudo, duas obras espíritas, cujos autores, veementemente, defendem a hipótese contrária, ou seja, a de que Jesus não é o Espírito de Verdade. Que fique claro que nada temos contra a pessoa deles; aliás, os respeitamos e admiramos muito, pela garra com que ambos se lançam na defesa da Doutrina, o que só acontece com os que têm amor à causa.

No livro *Quem pergunta quer saber*, o autor argumenta, por duas vezes, que Jesus não seria o Espírito de Verdade; das suas alegações, transcrevemos:

Já vimos várias considerações e elucubrações referentes à verdadeira identidade – ou à possível – desse Espírito Guia, contudo, gostaria de esclarecer que, em visita a Dr. Canuto de Abreu, em companhia do grande amigo e irmão Olympio da Silva Campos, aquele nos mostrou os arquivos particulares do próprio Allan Kardec que vieram ter-lhes às mãos quando visitou Paris às vésperas da II Grande Guerra. Os espíritas parisienses haviam recebido comunicação mediúnica prevendo a ocupação da cidade pelos alemães e, para evitar que tais documentos caíssem em mãos nazistas, estes teriam que ser entregues a um brasileiro cujas características coincidiam com as deste grande amigo Dr. Canuto.

Pois neste arquivo mereceu destaque uma comunicação informativa dada ao próprio Kardec na qual se esclarecia que ele, Kardec, fora Platão e que seu guia que, por vezes, se assinava com um simples “S” não era senão o próprio Sócrates: o professor sempre orientando os estudos do seu dileto aluno.

Sócrates parece ter um grande destino na formação filosófica e social da

nossa civilização. Portanto, é bem mais provável que seja ele o mentor de toda a Codificação.

Contudo, se a própria Entidade preferiu ficar no anonimato é porque assim julgava fosse melhor e mais prudente, já que o importante é o conteúdo de suas mensagens; pouco ou nenhuma diferença faz que se identifique sua personalidade, apenas, a referência de que se trata do enviado prometido por Jesus a nós. Talvez, até, o intuito do anonimato esteja ligado às comparações que pudessem se fazer com sua obra anterior e a da Codificação.

[...].

Nada, até então, existe que garanta de forma cabal qual seja a verdadeira personalidade do Guia responsável pelas mensagens codificadoras. Até mesmo o documento contido nos arquivos do mestre lionês mereceu dele os devidos cuidados para que não fosse divulgada, sob sua responsabilidade, uma afirmativa duvidosa. (IMBASSAHY, 1993, p. 25-26, grifo nosso).

**Informações importantíssimas, que merecem uma dedicada análise. Para isso, fomos buscar em Silvino Canuto de Abreu (1892-1980), porquanto foi a pessoa citada, algumas coisas para confirmar essas afirmativas. Encontramos, de sua autoria, o livro intitulado *O Livro dos Espíritos e sua tradição histórica e lendária*, que, segundo o prefaciador, Dr. Paulo Toledo Machado (1924?- ), se trata de:**

[...] uma obra romanceada que retrata, UM SÉCULO DEPOIS, no tempo cronológico de um dia, o dia 18 de abril de 1857, com uma riqueza de detalhes e brilhantes lições doutrinárias, os dados históricos que começaram no alvorecer do século XIX, no dia 3 de outubro de 1804, e que, então, naquele dia tem o seu ponto culminante. (ABREU, 1983, p. 31, grifo nosso).

**Dessa obra destacamos o seguinte trecho do diálogo entre Ermance Dufaux, Ruth Celine Japhet, Caroline Baudin e Julie Baudin, as médiuns que Kardec se utilizou para se comunicar com os Espíritos Superiores, cujo resultado culminou na composição das duas edições de *O Livro dos Espíritos*; eis o trecho do diálogo:**

– ... No dia 1º de janeiro a sessão foi aberta, às oito horas da noite em ponto, de portas fechadas, com uma prece feita pelo Professor, de pé, solenemente, como se fosse um padre, e de improviso. Mas as palavras não eram de nenhuma reza eclesiástica nossa conhecida nem aquela ditada por ZÉPHYR. Este saudou a todos amistosamente e anunciou-nos o comparecimento de vários Espíritos superiores, citando-lhes os nomes com deferência, isto é, um abaixo de outro, destacadamente.

– Lembra-se de alguns?

– Santo AGOSTINHO, S. JOÃO EVANGELISTA, São VICENTE DE PAULO...

– Diversos Santos, enfim, interrompeu Ermance.

– Também SÓCRATES, FÉNELON, SWEDENBORG, HAHNEMANN...

- E O LIVRO principiou a ser escrito, insinuou Ermance.
- Não sabíamos a essa altura coisa nenhuma a respeito. Sendo o Senhor RIVAIL Mestre-escola e falando-nos várias vezes dum curso, supusemos desejasse transformar as sessões em aulas para um aprendizado metódico. Muitos consulentes, que só vinham aos Espíritos para lhes perguntar tolices sobre casos domésticos, desconfiando da nova orientação, não voltaram mais. Ficaram, porém, alguns mais dispostos a aprender, satisfeitos com o sistema novo. E assim, duas vezes por semana, às quartas e sábados, mantivemos sessões importantes de perguntas e respostas sobre temas elevados, propostos pelo Professor e resolvidos por Espíritos superiores.
- Muito curioso o sistema, concordou Ermance. E assim...
- Espere, querida. Uns três meses depois de inaugurado esse curso, quando já era grande a cópia de ensinamentos, o Guia espiritual do Professor manifestou-se, pela primeira vez entre nós, dizendo que, na véspera, à noite, havia dado ao Professor, aqui nesta casa, sinais percucientes na parede com o intuito de o impedir de escrever certo erro na obra em elaboração.
- O Professor escrevia a obra durante as sessões?
- Não, Ermance. Escrevia aqui, em casa dele, com todo o sigilo. Só então é que soubemos não se limitar o Professor RIVAIL, como nos parecia, a colecionar ensinamentos para uso privativo, mas escrevia uma obra a respeito do 'Spiritualisme' e sob a vigilância invisível de seu Guia.
- De SÓCRATES, completou Ermance.
- Não. Do Espírito VERDADE.
- Espírito VERDADE? Curioso! – exclama Ermance. São LUÍS disse-me ter por Chefe o Espírito VERDADE. Será o mesmo?
- Talvez. Espírito VERDADE deve ser um só.
- Mas, Caroline, Você não me falou há pouco ser SÓCRATES o Guia do Senhor RIVAIL?
- Não. Disse-lhe que o Professor o 'evocava' mentalmente e 'desejava' a assistência dele para 'desvendar' a verdadeira 'Filosofia dos Espíritos'. Não falei porém que o filósofo grego era seu Guia. O Gênio Protetor do Professor RIVAIL chama-se Espírito VERDADE.
- Mas Você, Caroline, não percebe o simbolismo da expressão 'Espírito VERDADE'? Para mim São LUÍS se refere a uma Entidade oculta sob o véu dum símbolo. Símbolo aliás, que cabe perfeitamente a SÓCRATES.
- Quando ainda novato em nossas sessões – replicou Caroline. O Professor um dia quis saber se, como nós outros também, ele tinha um Gênio Protetor. ZÉPHYR, respondendo afirmativamente, acrescentou, em resposta a outra indagação do Senhor RIVAIL: – "Seu Gênio foi na Terra um homem justo e sábio".
- Pois então! – exclama Ermance. SÓCRATES foi um homem justo e sábio.
- De acordo. Mas...
- E 'amigo da Verdade', insistiu Ermance, com ares triunfantes.

– Mas JESUS? – contrapõe Caroline. Não foi o mais justo e sábio dos homens? Não foi a própria Verdade?

– Sim, mas JESUS era Deus, sustentou Ermance. E, como homem, foi o 'mais' sábio, o 'mais' justo – Você mesmo acabou de dizê-la – e não 'um justo e sábio' como alguns outros homens.

– DEUS é a 'Causa Primeira', a 'Inteligência Suprema', replicou professoralmente Caroline. Os Espíritos superiores ensinam ser JESUS um Espírito bem superior, não porém a 'Causa Primeira'.

– Sem discutir esse ponto, que é de Fé, pergunto-lhe: Se o Guia do professor foi 'um homem justo e sábio', que homem o Professor supõe haja sido o Espírito VERDADE? – questionou Ermance.

– Se ele o sabe, nunca o disse a nós. Creio, porém, que o não sabe. Quando pela primeira vez falou com o Guia em nossa casa, o Professor perguntou ao Espírito se havia animado alguma personagem conhecida na Terra. E o Gênio respondeu-lhe:

– “Já lhe disse que, para Você, sou A VERDADE. Este 'para Você' implica 'discrição'. De mim não saberá mais nada a respeito”.

– Para nós, intervém Julie, o Espírito VERDADE não é SÓCRATES, pois este, quando se manifesta, declina o nome ou é anunciado por ZÉPHYR.

– Para mim, opinou Ruth, é JESUS.

– Pode ser, apoiou Ermance. Só assim poderia ser Chefe espiritual de São LUÍS.

– Respeitemos o sigilo imposto pelo próprio Espírito, ponderou Caroline. Ir além seria imprudente. Essa questão de identidade foi objeto de exame em nossas reuniões, e ZÉPHYR limitou-se a pedir-nos decorássemos a afirmativa de SÓCRATES que já lhe citei e vou repetir: – “A verdadeira 'Filosofia dos Espíritos' só poderá ser revelada ao que for digno de receber A VERDADE”. (ABREU, 1996, p. 102-104, maiúscula e grifo são do original).

Pelo que percebemos, a afirmativa de que seria Sócrates o guia de Kardec, fica completamente sem respaldo no que se vê nas obras, que Canuto Abreu teve em mãos, com base nas quais este fundamentou as narrativas de seu livro.

Quanto à questão de que Sócrates, por vezes, assinava com um simples “S”, parece-nos não ser bem a realidade, pois em nenhuma das obras da codificação se encontrará isso.

No capítulo XVI, de *O Livro dos Médiuns*, Kardec afirma de orientações recebidas de Sócrates junto com Erasto (KARDEC, 2007c, p. 238); ali, quando julgou conveniente, após as assinaturas, sendo que de Sócrates aparecem apenas duas. (KARDEC, 2007c, p. 253 e 254).

E, mais ainda, pelo relatado por Canuto Abreu, foi identificada a personalidade

do Espírito de Verdade como sendo de uma outra pessoa, que não é outra senão o próprio Jesus. Portanto, enganou-se o autor citado logo no início, ao referenciar Canuto Abreu como suporte para uma identificação contrária a essa.

Por outro lado, temos, nos “Prolegômenos” de *O Livro dos Espíritos*, várias assinaturas, dentre as quais a de Sócrates, a de Platão e a do Espírito de Verdade (KARDEC, 2006b, p. 66), o que nos coloca diante do seguinte:

a) Sócrates, logicamente, não pode ser o Espírito de Verdade, porquanto são duas assinaturas distintas;

b) Kardec, por sua vez, não poderia ter mesmo sido Platão reencarnado, visto também ter o filósofo grego assinado aquele texto.

Fora essa, há referências, nas atas da Sociedade, a mais duas mensagens que levam a assinatura do discípulo de Sócrates (KARDEC, 1993a, p. 357-358 e KARDEC, 2000, p. 39), além de uma comunicação encontrável em *O Livro dos Espíritos* (p. 546-547) e de uma outra assinada em conjunto e publicada na *Revista Espírita* de abril de 1860 (KARDEC, 2000, p. 124).

Seria interessante que pudéssemos ver quem foi, na verdade, o guia de Kardec, uma vez que se fez confusão sobre ele. Durante o seu discurso perante os espíritas de Bordeaux, Kardec afirma: “Sim, senhores, este fato é não só característico, mas é providencial. Eis, a este respeito, o que me dizia ainda ontem, antes da sessão, o meu guia espiritual: o Espírito de Verdade.” (KARDEC, 1993b, p. 356, grifo nosso).

Entretanto, o seu biógrafo Henri Sausse (1851-1928) cita o Espírito Z. (SAUSSE, 2007, p. 19); talvez esteja aqui a causa da confusão.

Na data de 11 de dezembro de 1855, Kardec interrogou a Z sobre quem seria o seu bom gênio, cuja resposta foi “um homem justo de muita sabedoria” (KARDEC, 2006a, p. 302), portanto, não poderia ser o próprio Z, nem um espírito familiar, pois lhe foi dito também que este Espírito não era de um parente nem de um amigo (KARDEC, 2006a, p. 302). Sobre ele, o Espírito Z, Kardec falou:

Eram geralmente frívolos os assuntos tratados. Os assistentes se ocupavam, principalmente, de coisas respeitantes à vida material, ao futuro, numa palavra, de coisas que nada tinham de realmente sério; a curiosidade e o divertimento eram os móveis capitais de todos. Dava o nome de Zéfiro o Espírito que costumava manifestar-se, nome perfeitamente acorde com o seu caráter e com o da reunião. Entretanto, era muito bom e se dissera protetor da família. Se

com frequência fazia rir, também sabia, quando preciso, dar ponderados conselhos e manejar, se ensejo se apresentava, o epigrama, espirituoso e mordaz. Relacionamo-nos de pronto e ele me ofereceu constantes provas de grande simpatia. Não era um *Espírito* muito adiantado, porém, mais tarde, assistido por Espíritos superiores, me auxiliou nos meus trabalhos. Depois, disse que tinha de reencarnar e dele não mais ouvi falar. (KARDEC, 2006a, p. 298, grifo nosso).

Já tive ocasião de dizer que Z. não era um Espírito superior, porém muito bom e muito benfazejo. Talvez fosse mais adiantado do que o deixava supor o nome que tomara. Legitimavam essa suposição o caráter sério e a sabedoria de suas comunicações, conforme as circunstâncias... dele guardei sempre grata recordação e muito reconhecimento pelas boas advertências que sempre me deu e pelo devotamento que me testemunhou. Desapareceu com a dispersão da família Baudin, dizendo que em breve reencarnaria. (KARDEC, 2006a, p. 324, grifo nosso).

As reuniões mencionadas no primeiro parágrafo aconteciam na casa do Sr. Baudin. No segundo, temos uma nota sobre uma mensagem recebida, em 17 de janeiro de 1857, pela Srta. Baudin, na qual Kardec recebe a notícia de uma nova encarnação.

Fica claro que o Espírito Z tinha relação com a família do sr. Baudin; para nós, ele está mais para um protetor dos trabalhos do que propriamente da família, visto ter reencarnado. É por esse motivo também que ele não poderia ser o guia de Kardec. Esse só foi definido em 25 de março de 1856, quando Kardec, através da médium Srta. Baudin, teve a oportunidade de saber que seu guia se denominava *A Verdade*, conforme se vê do diálogo entre os dois (KARDEC, 2006a, p. 304-306).

Atestam os escritores Zêus Wantuil (1924-2011) e Francisco Thiesen (1917-1990) que Canuto de Abreu possuía volumosa correspondência original (rascunhos manuscritos) de Kardec. (WANTUIL e THIESEN, vol. II, 2004, p. 30-31). Os dois são os autores do livro *Allan Kardec o educador e o codificador*, no qual, apesar da extensa pesquisa, não vimos algo diretamente relacionado à questão que estamos abordando; entretanto, podemos perceber que não lhes era estranha a hipótese que defendemos. Senão vejamos:

A 25 de março de 1856, o Missionário toma conhecimento da existência de seu guia espiritual – *A Verdade* –, que o protegeria e ajudaria sempre, assistindo-o quer diretamente, através de médiuns, quer pelo pensamento, forma esta que se tornou, mais tarde, a única. (178).

---

178 Oeuvres Posthumes, 1<sup>ère</sup> éd., pp. 312-313 (“Remarque”).

(WANTUIL e THIESEN, vol. I, 2004, p. 313, grifo nosso).

Temos aqui, diferente do que foi afirmado anteriormente, que o guia de Kardec foi o Espírito que se denominava de *A Verdade* e não Sócrates.

Mais à frente, ainda nessa obra, podemos ler:

Se incidentes vários se urdiram para lhe comprovar que os Espíritos superiores tomavam parte em seus trabalhos (196); se mereceu ser assistido, de modo todo particular, até pelo Mestre de todos nós, quando da elaboração de "O Evangelho segundo o Espiritismo" (197); [...].

---

196 "Oeuvres Posthumes, 1<sup>ère</sup> éd. p. 353.

197 Id., lib., p. 351.

(WANTUIL E THIESEN, vol I, 2004, p. 321, grifo nosso).

Ainda que Wantuil e Thiesen não tenham feito uma relação direta entre os dois nomes a afirmação deles de que Kardec "mereceu ser assistido, de modo todo particular, até pelo Mestre de todos nós" nos leva a pensar em Jesus, pois, conforme acreditamos, somente a ele caberia a expressão "Mestre de todos nós".

Corroborando a informação sobre os documentos constantes dos arquivos de Canuto de Abreu, podemos citar o que disse o escritor Paulo Henrique Figueiredo (1966- ), editor da revista *Universo Espírita*, que, segundo declara, teve acesso a eles:

[...] O eminente pesquisador espírita Canuto Abreu (1892-1980), anos antes da Segunda Guerra Mundial, esteve em Paris em busca de documentos históricos sobre o Espiritismo. Quando visitou a livraria de Leymarie, na época administrada por um sobrinho deste colaborador muito próximo de Kardec, teve acesso a uma caixa repleta de manuscritos. Assim, Canuto trouxe para o Brasil algumas dezenas de cartas inéditas de Kardec. Isso foi possível por que o Codificador fazia uma duplicata de toda carta enviada, seja de próprio punho ou pelas mãos de Amelie Gabrielle Boudet, sua esposa. (FIGUEIREDO, 2008, p. 7, grifo nosso).

Agora vem o mais importante de sua fala, para esse nosso estudo:

Pois bem, as cartas estão sendo agora mantidas pelo neto de Canuto. Numa delas, depois de comentar as dificuldades na divulgação do Espiritismo, Kardec afirma que soube, por meio de comunicação mediúnica, o fato do Espírito da Verdade ser Jesus: "Não sei se conseguiria ter calma e controlar minha emoção se soubesse antes que o Espírito com quem conversei semanalmente era o meigo rabino de Nazaré". [...]. (FIGUEIREDO, 2008, p. 7,

grifo nosso).

A informação aqui é taxativa de que Kardec sabia que Jesus, realmente, era o Espírito de Verdade.

Em outra edição da revista *Universo Espírita*, encontramos algo que vale a pena citar. Trata-se do artigo especial intitulado “Cartas inéditas: conteúdo de textos não conhecidos de Kardec são finalmente publicados”, assinado por Macedo Sarra (?- ). No artigo, Sarra confirma o que foi dito acima por Paulo Figueiredo; também apresenta a tradução do original francês de uma prece escrita em 1857, por Kardec:

Paris, 1857

Já que vos dignastes em me escolher para o desenvolvimento dos princípios da Doutrina Espírita, aceito esta missão com reconhecimento e humildade. Dai-me força para que eu possa terminá-la para o bem da Humanidade e fazei com que eu não conceba nem orgulho nem ambição.

Peço-vos, Senhor, que me concedais mais uma graça: a de poder completar minha obra e eu mesmo poder executar o plano que concebi, caso o acheis útil. Se peço os meios para fazê-lo eu mesmo, nem é para me glorificar, nem para utilizar em meu proveito, mas a fim de encaminhar os meios de execução, tendo em vista uma maior unidade dos princípios e de ter mais liberdade para agir do que se eu estivesse sob ordens de outras pessoas, que talvez, tivessem ideias que não concordassem com as minhas. O que peço, Senhor, é poder fazer *mais* do que fiz até hoje, aquilo que não pude fazer devido à minha posição. Gostaria que esses modos de execução fossem o fruto de meu trabalho; eu os daria de todo coração à obra que comecei, porquanto, no estado atual das coisas, me é impossível pensar em criar estes recursos, entregando-me a uma indústria qualquer, que além do mais prejudicaria meus trabalhos, o que minha idade e hábitos não permitem. Estes meios só podem vir de Vós, e pelas vias que estariam de acordo com a vossa divina Providência.

Os Espíritos me disseram: “Quem quer o fim quer os meios.” Nós queremos o fim; por conseguinte, queremos também os meios. Estas palavras me fazem pensar que está nos nossos desígnios supremos fornecer-me os meios que me faltam para chegar ao fim; é por isso que junto minha voz às deles, para vos suplicar que *apresse* este momento, no qual poderei entregar-me sem reservas e sem obstáculos aos trabalhos que devem completar a obra que comecei. As circunstâncias me parecem demonstrar que o momento chegou. Os Espíritos me disseram que meu projeto tinha sido inspirado por eles; ousou, pois, crer que o mesmo vos agrada, Senhor, e que providenciareis sua execução.

É o favor que peço com toda a força da minha alma e que vos suplico ajudar-me, caso me julgueis digno.

Allan Kardec

(SARRA, 2004, p. 40-43).

Apesar de não citar o nome do Espírito de Verdade, é quase de tudo certo que



essa prece foi dirigida a ele, uma vez que, em 12.06.1856, foi o próprio Espírito de Verdade quem confirmou a Kardec de sua missão: “Confirmo o que te foi dito, mas recomendo-te muita descrição, se quiseres sair-te bem. [...]” (KARDEC, 2006a, p. 313).

Os nossos detratores, o que vimos também em alguns confrades, como é o caso, por exemplo, do pesquisador Jorge Rizzini (1924-2008), cujo pensamento veremos mais à frente, buscam apoio bíblico para refutar essa identificação, especialmente, no Evangelho de João, que, de certa forma, relaciona o Consolador como sendo o Espírito Santo (Jo 14,26). Assim, creem que não poderia ser Jesus, mas, sim, esse último.

Vejamos, em *A Gênese*, a análise que Kardec faz do passo que contém o versículo mencionado.

Se me amais, guardai os meus mandamentos – e eu pedirei a meu Pai e ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: – O *Espírito de Verdade* que o mundo não pode receber, porque não o vê; vós, porém, o conhecereis, porque permanecerá convosco e estará em vós. – Mas o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, *vos ensinará todas as coisas e fará vos lembreis de tudo o que vos tenho dito.* (S. João, 14: 15 a 17 e 26. – *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. VI.).

36. – Entretanto, digo-vos a verdade: Convém que eu me vá, porquanto, *se eu não me for, o Consolador não vos virá*; eu, porém, me vou e vo-lo enviarei. – E, quando ele vier, convencerá o mundo no que respeita ao pecado, à justiça e ao juízo: – no que respeita ao pecado, por não terem acreditado em mim; – no que respeita à justiça, porque me vou para meu Pai e não mais me vereis; no que respeita ao juízo, porque já está julgado o príncipe deste mundo.

*Tenho ainda muitas coisas a dizer-vos, mas presentemente não as podeis suportar.*

*Quando vier esse Espírito de Verdade, ele vos ensinará toda a verdade, porquanto não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tenha escutado e vos anunciará as coisas porvindouras.*

Ele me glorificará, porque receberá do que está em mim e vo-lo anunciará. (S. João, 16: 7 a 14.)

37. – [...] Sob o nome de *Consolador* e de *Espírito de Verdade*, Jesus anunciou a vinda daquele que *havia de ensinar todas as coisas* e de *lembrar* o que ele dissera. Logo, não estava completo o seu ensino. E, ao demais, prevê não só que ficaria esquecido, como também que seria desvirtuado o que por ele fora dito, visto que o Espírito de Verdade viria tudo lembrar e, de combinação com Elias, *restabelecer todas as coisas*, isto é, pô-las de acordo com o verdadeiro pensamento de seus ensinamentos.

[...].

39. – Qual deverá ser esse Enviado? Dizendo: “Pedirei a meu Pai e ele vos enviará outro Consolador”, Jesus claramente indica que esse Consolador não seria ele (grifo nosso), pois, do contrário, dissera: “Voltarei a completar o que vos tenho ensinado”. Não só tal não disse, como acrescentou: *A fim de que fique eternamente convosco e ele estará em vós*. Esta proposição não poderia referir-se a uma individualidade encarnada, visto que não poderia ficar eternamente conosco, nem, ainda menos, estar em nós; compreendemo-la, porém, muito bem com referência a uma doutrina, a qual, com efeito, quando a tenhamos assimilado, poderá estar eternamente em nós. O *Consolador* é, pois, segundo o pensamento de Jesus, a personificação de uma doutrina soberanamente consoladora, cujo inspirador há de ser o *Espírito de Verdade*.

40 – O *Espiritismo* realiza, como ficou demonstrado (cap. 1, nº 30), todas as condições do *Consolador* que Jesus prometeu. Não é uma doutrina individual, nem de concepção humana; ninguém pode dizer-se seu criador. É fruto do ensino coletivo dos Espíritos, ensino a que preside o Espírito de Verdade. [...].

[...].

42. – Se disserem que essa promessa se cumpriu no dia de Pentecostes, por meio da descida do Espírito Santo, poder-se-á responder que o Espírito Santo os inspirou, que lhes desanuviou a inteligência, que desenvolveu neles as aptidões mediúnicas destinadas a facilitar-lhes a missão, porém que nada lhes ensinou além daquilo que Jesus já ensinara, porquanto, no que deixaram, nenhum vestígio se encontra de um ensinamento especial. O Espírito Santo, pois, não realizou o que Jesus anunciara relativamente ao Consolador; a não ser assim, os apóstolos teriam elucidado o que, no Evangelho, permaneceu obscuro até ao dia de hoje e cuja interpretação contraditória deu origem às inúmeras seitas que dividiram o Cristianismo desde os primeiros séculos. (KARDEC, 2007a, p. 439-443, negrito nosso, itálico do original).

Aqui Kardec admite a vinda, na mesma época, do Consolador e do Espírito de Verdade, num primeiro momento (item 37), para depois, nos outros itens, distinguir um do outro.

O Consolador ele identificou como sendo a própria Doutrina Espírita, dando ao Espírito de Verdade a função de inspirador do ensino coletivo dos Espíritos, aos quais presidia. Estabelece, ainda que sem o querer, uma relação dele, o Espírito de Verdade, com o Cristo, quando afirmou que “o Cristo preside à regeneração que se opera na humanidade” (KARDEC, 2207b, p. 60), porquanto não há sentido em se admitir dois presidentes para a mesma função.

Ressaltamos o item 42, porquanto foi uma coisa que notamos, ao refletir sobre a possibilidade de que a expressão “Espírito Santo” tenha sido alterada ou adicionada em Jo 14,26, justamente para evitar-se interpretação idêntica à de Kardec e para não ter como não relacionar o cumprimento da promessa da vinda do Consolador como

sendo o fenômeno do dia do Pentecostes.

Carlos Torres Pastorino (1910-1980), um bom conhecedor dos textos bíblicos, afirmou, sobre a expressão grega *tò pneuma tò hágion* (o Espírito o santo), que “Em João aparece uma só vez, e assim mesmo em apenas alguns códices tardios, havendo forte suspeição de haver sido acrescentado posteriormente (em 14:26)”. (PASTORINO, 1964, vol. 5, p. 97), ressaltando, num outro ponto, que “... Mais adiante (vers. 26) o Espírito verdadeiro, ou evocado, é dito 'o Espírito, o Santo', expressão que levou os teólogos a confundi-lo com a terceira 'pessoa' da santíssima Trindade”. (PASTORINO, 1971, vol. 8, p. 158).

#### Alguns outros autores, sobre a expressão Espírito Santo, dizem:

Na língua filosófica grega, a palavra espírito (*pneuma*) ficou sendo a expressão usada para designar uma inteligência privada do corpo carnal.

Como s.s. [se referindo a seu contraditor] deve saber, o papa Dâmaso confiou a S. Jerônimo em 384 a missão de redigir uma tradução latina do Antigo e do Novo Testamento.

Esta palavra *pneuma* S. Jerônimo traduziu-a como *spiritus* reconhecendo com os Evangelistas que há bons e maus.

Só depois é que surgiu a ideia de divinizar os Espíritos e só depois a Vulgata é que a palavra *sanctus* foi constantemente ligada à palavra *spiritus*. Não há dúvida que a Bíblia, em certos casos, fala do Espírito Santo, mas sempre no sentido familiar do Espírito ligado a uma pessoa. Assim, no Antigo Testamento (Daniel cap. XIII, 45: “O senhor suscitou o Espírito Santo de um moço chamado Daniel”).

É conveniente declarar que em certas Bíblias não se encontra este capítulo, que talvez o interesse obrigasse a suprimir, - em outros ainda ele figura à parte sob o título de História de Suzana. (SCHUTEL, 1987, p. 72).

Em uma obra anterior, fizemos esclarecimentos a respeito da palavra ESPÍRITO SANTO, que a cada passo se encontra nos Evangelhos.

Não será demais, entretanto, estendermo-nos em certas considerações a esse respeito, para que os leitores melhor compreendam o sentido das Escrituras, especialmente os “Atos dos Apóstolos” que nos propomos a respigar.

As antigas Escrituras não continham o qualificativo “santo” quando se falava do Espírito.

Todos os Apóstolos reconheciam a existência de Espíritos, mas entre estes, bons e maus.

No Evangelho de Lucas, XI, lê-se: “Aquele que pede, obtém; o que procura, acha; abrir-se-á ao que bater; se vós sendo maus sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, com muito mais forte razão vosso Pai enviará do Céu UM BOM ESPÍRITO àqueles que o pedirem”. (10 e 13).

Foi só com a tradução das antigas Escrituras e constituição da Vulgata que

esse qualificativo foi acrescentado, com certeza para fortificar o "Mistério da Santíssima Trindade", tirado de uma lenda hindu, aventado por comentadores das Escrituras, que desde logo após a morte de Jesus, viviam em querelas, em discussões sobre modos de se interpretar as Escrituras. Essa mesma "Trindade" é que foi proclamada como "artigo de fé", pelo Concílio de Niceia, em 325, após ter sido rejeitado por três concílios.

O mistério da "S.S. Trindade" veio criar uma doutrina nova sobre a concepção do Espírito, atribuindo a este, quando revestido do qualificativo Santo, um ser misterioso, incriado, também Deus e co-eterno com o Pai.

Desvirtuada por completo de sua verdadeira significação, a promessa de Jesus não representa para as Igrejas Romana e Protestante, a difusão do Espírito, ou antes dos Espíritos, que, por ordem de Deus e enviados por Jesus, viriam restabelecer todas as coisas, mas sim um dom sobrenatural, um movimento de cérebro e de coração que Deus operou unicamente nos Apóstolos, no dia de Pentecostes.

Nós vamos ver adiante, pelo enredo dos trechos de "Atos", que esta doutrina absolutamente errônea, não só errônea como também obstrutiva dos princípios cristãos. Inutilizando por completo as Palavras de Jesus, sua vida e os Ensinos Apostólicos, únicos capazes de, quando recebidos em sua verdadeira significação, transformar o homem, guiando-o bem aos seus destinos imortais.

[...].

Ao estudar a Bíblia, todo o juízo preconcebido nos obscurece o entendimento.

O qualificativo Santo que se encontra na Bíblia para designar ESPÍRITO BOM, não deve absolutamente, ser interpretado como um ente misterioso, sibilino, que constitui a 3ª pessoa da S.S. Trindade. Mas sim, como sendo um Espírito adiantado, de bondade, de amor e sabedoria. (SCHUTEL, 1981, p. 6-8).

As comunicações relatadas no Antigo Testamento e no Evangelho, que eram originariamente referidas aos santos Espíritos, ou como constavam nos textos em grego e na Vulgata em latim "Spiritus bonum" (Espíritos bons), em tantas passagens e principalmente no Pentecostes, passaram a ser todas denominadas manifestações divinas, atribuídas ao "Espírito Santo", o novo deus integrante da Trindade que não existia na Vulgata. A partir da criação desse dogma, todas as manifestações de "Espíritos bons" relatadas no Evangelho passaram a ser do Espírito Santo, e qualquer outra manifestação de intercâmbio entre os planos espiritual e material, que se realizasse através de um Espírito sofredor, ignorante de sua situação ou um necessitado de qualquer natureza, passaria a ser interpretada como de um Espírito satânico, já que a alma não era aceita como sendo de natureza espiritual. (ARMOND, 2004, p. 75).

Os Evangelhos primitivos não usavam a expressão Espírito Santo, a qual foi introduzida pelos tradutores franceses dos Evangelhos, com o escopo de corroborar ensinamentos da Igreja, principalmente aqueles que objetivavam dar maior autenticidade à implantação do incrível dogma da Trindade, o qual, incompreensivelmente, deu a Deus indivisível e uno o caráter de Deus trino.

Sempre houve controvérsias no tocante à interpretação do que seja Espírito Santo, pois, mesmo nas traduções e versões dos atuais Evangelhos, se encontram, reiteradamente, as palavras Espírito, ou Espírito de Deus.

O próprio evangelista Mateus, descrevendo o episódio ocorrido com Jesus às margens do rio Jordão, escreveu: O Espírito de Deus desceu sobre ele sob a forma de uma pomba, o que implica em dizer que foi um Espírito enviado da parte de Deus. Nada se falou sobre Espírito Santo.

[...].

O dr. F. X. Funk, em sua "História Eclesiástica" afirmou que "Maomé acusava os cristãos de haverem falsificado os livros santos, principalmente o da doutrina da Trindade".

No Cristianismo primitivo, nem Jesus, nem Pedro, nem João, nem Tiago, nem Paulo de Tarso jamais cogitaram dessa trilogia, no sentido de ser o Espírito Santo uma das três partes de Deus. Os evangelistas a nada disso se referem. Jesus jamais ensinou que seu Pai Celestial tivesse três pessoas distintas contidas numa só, das quais ele seria uma delas.

É fora de dúvida que o termo "Espírito Santo" foi incorporado às traduções dos Evangelhos, não tendo jamais constado dos originais. Isso foi feito com o propósito de servir aos interesses da Igreja, que, no Concílio de Niceia, realizado no ano 325, e no Concílio de Constantinopla, realizado em 381, havia aprovado o dogma da Trindade, pelo qual o Pai, o Filho e o Espírito Santo constituem uma só pessoa, uma única entidade. Havia, portanto, necessidade de o assunto ser corroborado pelos livros sagrados, o que, evidentemente, lhe daria foro de verdade. (GODOY, 1993, p. 79-80, grifo do original).

[...] A palavra espírito (pneuma) ficou sendo a expressão usada para designar uma inteligência privada de corpo carnal.

Essa palavra *pneuma*, traduziu-a S. Jerônimo como *spiritus*, reconhecendo, com os evangelistas, que há bons e maus Espíritos. A ideia de divinizar o Espírito não surgiu senão no século II. Foi somente depois da *Vulgata* que a palavra *sanctus* foi constantemente ligada a palavra *spiritus*, não conseguindo essa junção, na maioria dos casos, senão tornar o sentido mais obscuro e mesmo, às vezes, ininteligível. Os tradutores franceses dos livros canônicos foram ainda mais longe a esse respeito e contribuíram para desnaturar o sentido primitivo. Eis aqui um exemplo, entre outros muitos: lê-se em Lucas (cap. XI, texto grego):

10. "Aquele que pede, recebe; o que procura acha; ao que bate se abrirá". –  
13. "portanto, se bem que sejais maus, sabeis dar boas coisas a vossos filhos, com muito mais forte razão vosso Pai enviará do céu 'um bom espírito' àqueles que lho pedirem".

As traduções francesas trazem o *Espírito Santo*. É um contra-senso. Na *Vulgata*, tradução latina do grego, está escrito *Spiritum bonum*, palavra por palavra, espírito bom. A *Vulgata* não fala absolutamente do Espírito Santo. O primitivo texto grego ainda é mais frisante, e nem doutro modo poderia ser, pois que o Espírito Santo, como terceira pessoa da Trindade, não foi imaginado senão no fim do século II.

Convém todavia, notar que a Bíblia, em certos casos, fala do Espírito Santo, mas sempre no sentido de Espírito familiar, de Espírito ligado a uma pessoa. Assim, no Antigo Testamento (Daniel, XIII, 45) (150) se lê: "O Senhor suscitou o espírito santo de um moço chamado Daniel".

(150) Em certas Bíblias esse capítulo figura à parte, sob o título "História de Susana".  
(DENIS, 1987, p. 276-277).

A não ser que tomemos todas essas informações como inverídicas, para negar tudo, será melhor usar da prudência e aceitar essas opiniões para se confirmar as alterações dos textos bíblicos, visando ajustá-los aos dogmas, posteriormente, estabelecidos, os quais, certamente, não faziam parte do que se convencionou chamar de cristianismo primitivo.

Uma necessária advertência aos que, porventura, resolverem verificar na *Vulgata*:

A Neovulgata é a mesma versão Vulgata, à qual foram incorporados os avanços e descobertas mais recentes. O Papa João Paulo II aprovou e promulgou a edição típica em 1979. O Papa assim o fez para que esta nova versão sirva como base segura para fazer traduções da Bíblia às línguas modernas e para realizar estudos bíblicos. (FERREIRA, 2008, internet).

De fato a advertência tem sentido, porquanto, na *Neovulgata*, consultado o endereço <http://www.bibliacatolica.com.br/>, vimos o texto de Lc 11,13 consta "Spiritus Sanctum", ou seja, "atualizaram" a tradução.

Pesquisando no Novo Testamento, observamos que a expressão "Espírito Santo", tem 94 ocorrências, sendo que 57% delas estão em Lucas – Evangelho e Atos. Especificamente, nos Evangelhos sinópticos aparece: Mateus 06 vezes; Marcos 04 vezes e Lucas 12 vezes. Em João só surge 03 vezes, sendo que no Apocalipse não há nenhuma citação. Nas quatorze cartas de Paulo identificamos 19 ocorrências (20%).

Esses dados nos parecem, à primeira vista, muito estranhos, pois era de se esperar que, em se acreditando no Espírito Santo, como uma das pessoas da Trindade, o seu nome fosse citado de forma equivalente em todos os autores e não só aparecer poucas vezes em Mateus, Marcos e João, e excessivamente em Lucas. Não terá isso sido exatamente por conta das posteriores alterações? Fica aí a dúvida.

Seria conveniente que, também, analisássemos algumas passagens de João relacionadas ao assunto. Vejamo-las, pelos textos da *Bíblia Anotada*:

Jo 1,33: "Eu não o conhecia; aquele, porém, que me enviou a batizar com água me disse: 'Aquele sobre quem vires descer e pousar o Espírito, esse é o que batiza com o Espírito Santo'."

Jo 14,16-17: *“E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não no vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós.”*

Jo 14,26: *“mas o Consolador, o Espírito Santo a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as cousas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito.”*

Jo 15,26: *“Quando, porém, vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que dele procede, esse dará testemunho de mim.”*

Jo 16,7: *“Mas eu vos digo a verdade: Convém-vos que eu vá, porque se eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei.”*

Jo 16,13: *“quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará as cousas que hão de vir.”*

Jo 20,22: *“E, havendo dito isso, soprou sobre eles, e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo.”*

Observamos que os passos Jo 1,33; 14,26 e 20,22 são os únicos, nesse Evangelho, que contém “Espírito Santo”; porém, se o seguinte pensamento estiver correto:

Logo fica “cheia de um espírito santo”. Novamente sem artigo. Repisamos: a língua grega não possuía artigos indefinidos. Quando a palavra era determinada, empregava-se o artigo definido “ho, he, to”. Quando era indeterminada (caso em que nós empregamos o artigo indefinido), o grego deixava a palavra sem artigo. Então quando não aparece em grego o artigo, temos que colocar, em português, o artigo indefinido: UM espírito santo, e nunca traduzir com o definido: O espírito santo. (PASTORINO, vol. 1, 1964, p. 43).

Então, as duas dos extremos – Jo 1,33 e 20,22 – deveriam ser entendidas como “UM espírito santo”, não como consta da tradução. A do meio, Jo 14,26, seria “o espírito o santo”, na qual divergem os que a analisam, dizendo uns que seria mesmo “O Espírito Santo”, e outros, como é o caso de Pastorino, que deveria ser entendida como “o espírito, o santo”. Para que lado pende a balança, não sabemos; mas uma coisa é certa: “há divergências”... Vejamos o porquê ao compararmos estas três

passagens:

*Jo 14,16-17: “[...] ele vos dará outro Consolador, [...], o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, [...].”*

*Jo 14,26: “mas o Consolador, o Espírito Santo a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as cousas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito”.*

*Jo 15,26: “Quando, porém, vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da Verdade, que dele procede, esse dará testemunho de mim;”.*

Em Jo 14,16-17 temos que o Consolador é o Espírito de Verdade, enquanto que em Jo 14,26, justamente aquela que Pastorino diz haver suspeita de ter tido um acréscimo posterior, já é o Espírito Santo, que, além disso, possui teor quase idêntico ao passo Jo 15,26, no qual se tem outra definição, pois nela há diferenciação entre os dois, dando-nos conhecimento de que quando o Consolador vier o Espírito de Verdade, que vem da parte do Pai, dará testemunho de Jesus, fazendo, portanto, uma relação íntima entre eles, o que, claramente, se percebe neste passo: *“Convém-vos que eu vá, porque se eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei”* (Jo 16,7).

Curioso também é que encontramos várias vezes o uso da expressão “cheio do Espírito Santo”, tanto usada para Jesus (Lc 1,4) quanto para qualquer outra pessoa: João Batista, Zacarias, Pedro, Estevão, Paulo, os discípulos e outros não especificados (Lc 1:15, 67; At 2:4, 8, 31; 6:3, 5; 7:55; 9:17; 11:24; 13:9, 52). Mas se Jesus é Deus como se poderá dizer que ele está cheio do Espírito Santo? É porque esse espírito “santo” não é o da Trindade mesmo.

Conforme falamos anteriormente, vamos ver o que pensa o escritor Jorge Rizzini. Respondendo à pergunta “O Espírito de Verdade é o Cristo?”, diz ele, categoricamente: “Não. Se fosse, jamais teria dito aos apóstolos; ‘... eu rogarei ao Pai e Ele vos enviará outro Consolador, para que fique eternamente convosco: o Espírito de Verdade...’” [Jo 14,16] (RIZZINI, 1995, p. 12). Entretanto, conforme já explicamos, é Kardec quem relaciona o Consolador ao Espiritismo e não ao Espírito de Verdade; a esse, atribuiu a tarefa de presidir todos os Espíritos envolvidos na Codificação. Embora intimamente ligados um ao outro, são distintos.



## Continuando com Rizzini, eis o complemento de seu pensamento:

A semelhança de personalidade, e até de linguagem (uma é reflexo de outra) explica-se pelo fato de que a evolução de ambos pode apresentar o mesmo nível ou quase o mesmo. Recordemos que Jesus não disse que enviaria o Espírito de Verdade; o que o Mestre disse, e com ênfase, é que *rogaria* a Deus e o Pai, então, enviaria o Espírito de Verdade à Terra. O Espírito de Verdade foi um ilustre filósofo da Antiguidade. E, por ser puro, é que o insigne Espírito foi porta-voz do Cristo ao trazer para nosso planeta o Espiritismo (o novo Consolador) e a belíssima mensagem contida no capítulo VI de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, em cujas primeiras frases Jesus, assim, se identifica:

*“Venho, como outrora, entre os filhos desgarrados de Israel, trazer a verdade e dissipar as trevas. Escutai-me. O Espiritismo, como outrora a minha palavra, deve lembrar aos incrédulos que acima deles reina a verdade imutável: o Deus bom, o Deus grande que faz geminar as plantas e levanta as ondas. Eu revelei a doutrina divina; e, como um segador, liguei em feixes o bem esparso pela Humanidade e disse: ‘Vinde a mim, todos vós que sofreis!’”*

Essa mensagem foi transmitida em Paris pelo Espírito de Verdade em 1860, mas é de autoria de Jesus. Foi publicada pela primeira vez em 1861 e está inserida no capítulo XXXI de “O Livro dos Médiuns”... A mensagem em questão, posteriormente, foi um pouco reduzida e incluída em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, trazendo, porém, desta vez, a assinatura do Espírito de Verdade. O fato parece-nos explicável: Allan Kardec, preocupado porque já muito se abusou deste nome (o de Jesus) em comunicações, evidentemente, apócrifas (são palavras dele em “O Livro dos Médiuns”), achou por bem consultar o Guia. E o Espírito de Verdade, então, assinou-a, o que deixa patente que fora ele mesmo quem a trouxera à Terra, visto que não havia, é claro, necessidade da presença de Jesus para que fosse transmitida. O Codificador, notemos bem, não diz que a referida mensagem é do Cristo; mas, perguntamos, se fosse apócrifa o Espírito de Verdade a teria assinado? E mais: se não fosse autêntica, Allan Kardec, com seu bom senso, a publicaria em dois livros da Codificação? E, mais ainda. O Codificador, anos depois, transcreveria essa mensagem em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, obra que trata, especificamente, dos ensinamentos de Jesus Cristo?

Observemos, agora, que as três mensagens finais do VI capítulo, a última do capítulo XX e a que serviu de prefácio para “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, não obstante a linguagem que nos recorda a de Jesus, essas, sim, são de autoria do Espírito de Verdade. A semelhança de linguagem, já o dissemos, pode ser atribuída à afinidade entre o Espírito de Verdade e Jesus. Tenhamos sempre em mente que o Espírito de Verdade foi enviado à Terra a pedido do próprio Cristo! Fiel porta-voz das Verdades Divinas, ele merecia, realmente, o pseudônimo que Jesus lhe deu: *Espírito de Verdade*. Que linguagem poderia ter um Espírito em tais condições, senão a sublime, principalmente ao tratar de temas evangélicos? Cremos, no entanto, que a análise poderia mostrar que a linguagem de Jesus e a do Espírito de Verdade não são, absolutamente, idênticas. Porque similitude não é igualdade.

Dissemos que o Espírito de Verdade é um filósofo da Antiguidade. Essa

informação encontra-se em uma obra de Kardec publicada em 1858 e que o Codificador jamais reeditou. Refiro-me ao livro "Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas"... Eis aí a revelação que Allan Kardec nos faz sobre o Espírito de Verdade:

"Tendo eu interrogado esse Espírito, ele se deu a conhecer sob um nome alegórico (eu soube, depois, por outros Espíritos, que fora o de um ilustre filósofo da Antiguidade)." (RIZZINI, 1995, p. 12-14, grifo nosso).

Estranho dizer "semelhança de personalidade", quando, ao citar a mensagem contida em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, ele afirma "em cujas primeiras frases Jesus, assim, se identifica" se, de fato, não era o próprio Mestre quem a ditava.

É irrelevante para a questão de se justificar ter sido Jesus quem rogou a Deus para enviar o Espírito de Verdade, pois sabemos de várias passagens bíblicas nas quais Jesus usa a terceira pessoa para se referir a ele mesmo.

Afirmar que a mensagem é de autoria de Jesus, mas que foi assinada pelo Espírito de Verdade, apoiando-se em que Kardec não disse ser do Cristo a referida mensagem, só pode ter sido por engano, pois foi dito sim. Em nota à mensagem XI constante do cap. XXXI, LM, Kardec diz: "Esta comunicação,... foi assinada com um nome que o respeito nos não permite reproduzir, senão sob todas as reservas tão grande seria o insigne favor de sua autenticidade... Esse nome é o de Jesus de Nazaré" (KARDEC, 2007c, p. 483). E nesse mesmo livro, quando do comentário das mensagens apócrifas, ele dá essa assinatura como autêntica (KARDEC, 2007c, p. 508).

Por outro lado, essa explicação elucidativa de Kardec consta do grupo de mensagens consideradas autênticas e não apócrifas. Fosse pertencente a outro Espírito e não ao próprio Jesus, a mensagem acabaria sendo inautêntica e falsamente assinada, uma vez que a própria "Verdade" veio depois assumi-la como de sua autoria. Então, o Espírito de Verdade assinou Jesus não sendo Ele, havendo falseado a identificação. Lembremo-nos de que a citada comunicação se obteve por meio de um dos melhores médiuns da sociedade, o qual não poderia haver simplesmente alterado a assinatura sem o próprio Espírito de Verdade, de modo imediato, haver corrigido o engano. Ao contrário, o Espírito de Verdade deixou Kardec publicá-la primeiro em 1861 para depois corrigi-la em 1864, três anos depois???

A argumentação de similitude de linguagem para não se fazer distinção entre eles, não tem sentido, pois a Cristo podemos aplicar o "*Venho como outrora*" e não ao Espírito de Verdade, caso fosse ele uma outra personalidade e não o próprio Cristo.

Quanto à questão de ter sido dito “um ilustre filósofo da Antiguidade”, para identificar o Espírito de Verdade, seria bom observar que em *O Livro dos Médiuns*, relatando esse fato, Kardec já diz que “ele pertencia a uma ordem muito elevada, e que desempenhou um papel muito importante sobre a Terra” (KARDEC, 2007c, p. 110); porém em *Obras Póstumas* ele já fala que o Espírito usou o codinome “A Verdade” (KARDEC, 2006a, p. 305-306). Infelizmente, apesar de toda a capacidade incontestável deste renomado pesquisador, ele não foi a fundo em suas pesquisas a esse respeito.

Diante de tudo o que colocamos, quer sob o aspecto histórico, quer pelo bíblico, o Espírito Santo não é o Consolador. Baseando-nos no primeiro, podemos afirmar que Jesus é o Espírito de Verdade; e quanto ao segundo, ou seja, o aspecto bíblico?... Dele já definimos que ele não é o Consolador, que também não é Jesus, porquanto este disse que enviaria “outro Consolador” (Jo 14,16).

A expressão “em verdade” foi usada por Jesus 60 vezes, fora esta que é muito significativa: “*Eu sou o caminho, a verdade e a vida*” (Jo 14,6), que poderíamos desdobrar em três frases; uma delas seria: “Eu sou a Verdade”. Fora o fato de que “*a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo*” (Jo 1,17). Portanto, não vemos como não relacionar esse versículo e os outros ao nome de Jesus.

Nossa grata surpresa foi saber que nossa opinião se coaduna com o que pensava Santo Agostinho (354-430), bispo de Hipona, padre e doutor da Igreja, que, em *Confissões* (AGOSTINHO, 2003), por várias vezes, estabelece a relação que estamos advogando, entre as quais destacamos:

Da boca da própria Verdade, eu tinha ouvido que há “eunucos que se mutilaram voluntariamente por causa do Reino dos céus”. Mas acrescentou: “Quem tiver capacidade para compreender, compreenda” (Mt 19,12). (p. 202-203).

E tu, Senhor, já tinhas engrandecido o teu eleito, “ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o assentar à tua direita” (Ef 1,20), de onde deverias enviar-nos o “Paráclito” prometido, “o Espírito de Verdade” (Jo 14,16s). O Senhor já o tinha enviado, e eu não o sabia. Ele o enviara, porque já estava glorificado “ressurgindo dos mortos” e subindo ao céu. (p. 238-239).

Foi afirmado pela própria Verdade, que é teu Filho: “Aquele que chamar a seu irmão 'louco' terá que responder ao julgamento da geena do fogo” (Mt 5,22). (p. 258-259).

Se a conclusão que chegamos aqui ainda possa lhe parecer que carece de maiores confirmações, novamente recomendamos o nosso texto *Espírito de Verdade, quem seria ele?*, onde, com maior profundidade, apoiando-nos nas obras da

codificação, analisamos esse delicado assunto.

Paulo da Silva Neto Sobrinho  
Jul/2008.  
(revisão nov/2015 – versão 15)

#### Referências bibliográficas:

- ABREU, C. *O Livro dos Espíritos e sua tradição histórica e lendária*. São Paulo: LFU, 1996.
- ARMOND, I. *O Cristianismo primitivo*. São Paulo: Aliança, 2004.
- DENIS, L. *Cristianismo e Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- GODOY, P. A. *Casos controvertidos do Evangelho*. São Paulo: FEESP, 1993.
- IMBASSAHY, C. B. *Quem pergunta quer saber*. São Paulo: Petit, 1993.
- KARDEC, A. *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB, 2007a.
- KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2007b.
- KARDEC, A. *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 2006a.
- KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 2006b.
- KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 2007c.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1859*. Araras – SP: IDE, 1993a.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1860*. Araras – SP: IDE, 2000.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1861*. Araras – SP: IDE, 1993b.
- PASTORINO, C. T. *Sabedoria do Evangelho, vol. 5*. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964.
- PASTORINO, C. T. *Sabedoria do Evangelho, vol. 8*. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1971.
- RIZZINI, J. *Kardec, Irmãs Fox e outros*. Capivari, SP: EME, 1995.
- SANTO AGOSTINHO, *Confissões*, São Paulo: Paulus, 2003
- SARRA, M. Cartas inéditas: conteúdo de textos não conhecidos de Kardec são finalmente publicados. In revista *Universo Espírita*, número 15. São Paulo: Universo Espírita, nov/2004, p. 40-43
- SAUSSE, H. Biografia de Allan Kardec in KARDEC, A. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- SCHUTEL, C. *Espiritismo e Protestantismo – em face dos evangelhos e da ciência*. Matão - SP: O Clarim, 1987.
- SCHUTEL, C. *Vida e atos dos apóstolos*. Matão – SP, 1981.
- WERNECK, F. K. Prefácio do tradutor brasileiro. In. NIELSSON, H. *O Espiritismo e a Igreja*. São Paulo: Correio Fraternal, 1983.
- WANTUIL, Z. E THIESEN, F. *Allan Kardec o educador e o codificador*, vol. I e II. Rio de Janeiro: FEB, 2004.
- A Bíblia Anotada*. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
- FIGUEIREDO, P. H. Questione in *Universo Espírita*, nº 54, ano 5, p. 7, São Paulo: Universo Espírita, 2008.
- FERREIRA, W. C. A Bíblia. [http://www.weliton.net/a\\_biblia.php](http://www.weliton.net/a_biblia.php), acesso dia 08.05.2008, às 15:47hs.